

MOACYR SCLIAR

# A face oculta

Inusitadas e reveladoras histórias da medicina



artes  
© Ofícios

MOACYR SCLAR

# A face oculta

Inusitadas e reveladoras histórias da medicina



PORTO ALEGRE - RS  
2001

© Moacyr Scliar

Revisão Renato Deitos  
Editor Paulo Bentancur  
Editoração e capa Alexandre Ribeiro  
Ilustração de capa “A cura da loucura”, de H. Bosch  
Fotolitos de capa VS fotolitos

S419f	Scliar, Moacyr A face oculta — inusitadas e reveladoras histórias da medicina / Moacyr Scliar. — Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001. 224 p. ; 14 x 21 cm.  1. Literatura brasileira — crônicas. I. Título.  CDU 869.0(81)-94
-------	---

CIP — Catalogação na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

Reservados todos os direitos de publicação para a  
ARTES E OFÍCIOS EDITORA  
Rua Henrique Dias 201  
90035-100 PORTO ALEGRE RS  
☎ (51) 311-0832  
artesoftware@via-rs.net



[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
ISBN 85-7421-051-x

## CONTRA CAPA

*A face oculta* é o resultado fascinante da seleção das quase 500 crônicas veiculadas na grande imprensa na última década. São cerca de 80 textos num livro que, sob vários aspectos, é um remédio. Surge em cena os bastidores da prática da medicina, universo cheio de mitologias, descobertas, medos, conquistas. Bastidores de um mundo vedado à maioria.

## ORELHAS DO LIVRO

Há cerca de uma década o prestigiado ficcionista, também médico, mantém uma coluna na grande imprensa, coluna na qual põe em cena o universo da prática da medicina, universo cheio de mitologias, descobertas, medos, conquistas. Universo que revela o médico e o paciente, dois personagens que encarnam pólos opostos da natureza humana: o cientista e o doente.

Em sua coluna semanal, Scliar ilumina muitas das áreas obscuras da ação muitas vezes heróica dos médicos e busca compreender a angústia dos pacientes, enquanto esclarece, a todos nós, as dúvidas mais urgentes sobre o mais próximo dos planetas: o nosso próprio corpo.

*A face oculta* é o resultado fascinante (as expressões “inusitadas” e “reveladoras” do subtítulo são adequadíssimas) da seleção das quase 500 crônicas já publicadas. São cerca de 80 textos num livro que, sob vários aspectos, é um remédio.



Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre (RS) em 1937. Descendente de judeus russos, formou-se em Medicina em 1962. Às vésperas de completar 40 anos de atividade literária, escritor profícuo, já publicou cerca de meia centena de títulos, nos mais variados gêneros. Alguns de seus principais livros: *O carnaval dos animais* (contos), *O exército de um homem só* (novela), *O centauro no jardim* (romance),

*A orelha de Von Gogh* (contos), *Contos reunidos*, *A paixão transformada: história da medicina na literatura* (ensaio), *A majestade do Xingu*, *A mulher que escreveu a Bíblia* e *Os leopardos de Kafka* (novelas). Traduzido para doze idiomas, recebeu prêmios incontáveis, alguns muito importantes como o Casa de las Américas e o Jabuti. Várias das obras de Scliar já foram adaptadas para o teatro, o cinema e a televisão.

“A verdade é que a medicina, teoricamente fundada na observação, é tão sensível às influências políticas, religiosas, filosóficas e da imaginação como o barômetro é sensível às mudanças atmosféricas.”

Oliver Wendell Holmes, *Medical Essays*

“Todo o interesse na doença e na morte é, em verdade, apenas uma outra expressão de nosso interesse na vida.”

Thomas Mann, *A Montanha Mágica*

“A descrição da doença, na literatura, é prejudicada pela pobreza da linguagem... Mas não é de uma nova linguagem que necessitamos, e sim de uma nova hierarquia das paixões.”

Virginia Woolf, *On Being Ill*

# SUMÁRIO

	Voltando à vida
	Os segredos do spa
	Tapando o nariz
	Rito de iniciação
	Letra de médico
	Doutor, engoli uma cobra
	A medicina do amor
	O sorriso de Onan
	A síndrome de fevereiro
	Uma velha dama indigna
	As curas de Jesus
	Pequeno? Nem tanto
	O sonho da psicanálise
	Cirurgia radical
	Memórias da gonorréia
	O médico doente
Literatura e medicina: doze obras inesquecíveis	
	Os elevadores têm ouvidos
	Exercitando o cérebro
	A glória da insônia
	Ninhos vazios
	A volta do velho doutor
	A dolorosa vitória sobre a dor
	Fascínio múltiplo
	A política da genética
	Temor e tremor
	Está na cara
	O que, mesmo, é doença?
	Trocando mútuas, e secretas, farpas
	O inimigo em nós
	Ciência e vigarice
Droga: a compreensão é instrumento de ajuda	
	Dez históricas superstições sobre sexo
	As armadilhas da memória
	O primeiro cigarro a gente não esquece
	Gauchismo e chimarrão
	Gravidez e fantasias
	Como criar uma terapia alternativa
	O Elogio da Preguiça
	Doce problema
	A semântica da velhice

Doutores como cobaias  
Os direitos de fumantes  
Crendices por atacado  
Vencendo o desafio da incapacidade  
A controvérsia do chocolate  
A doença e seu nome  
Pólos da criação, pólos da loucura  
A improvisação médica  
Terapia *on line*  
A ascensão e a queda dos gordinhos  
Ilegal, imoral ou irracional?  
A tísica e sua aura  
Dentes e *status*  
Lavem as mãos  
Ciência e ficção  
Histórias de camisinhas  
Medicina e arte: a visão satírica  
Os patinhos feios  
Confissões de um abstêmio  
Uma conquista das mulheres  
Freud e o Carnaval  
Rompendo a lei do silêncio  
A vida bem temperada  
Plantas e saúde  
Dor de cabeça: uma tentativa de consolo  
A controvérsia da circuncisão  
O antibiótico da sexta-feira  
A mente dominada  
Mito ou verdade?  
Os prisioneiros do ventre  
O câncer como mensagem  
O amante latino: raízes biológicas  
A perversa mentira do espelho  
A síndrome do canhoto  
Saúde & conselhos  
O sol: uma ou duas coisas boas que podemos dizer a respeito  
Menstruação e cultura  
A dor da existência  
Uma fantasia renascentista: a criação do homúnculo  
A estrada e o pânico  
Homens, mulheres & saúde



# VOLTANDO À VIDA

Vida é assim. Um dia de manhã você pega seu carro, na praia, para ir a Porto Alegre, onde tem alguns assuntos a resolver. A tarde você estará de volta; como muitos, como todos você acredita que a vida pode ser planejada e que as coisas acontecerão conforme o previsto.

Você então vai dirigindo seu carro, conversando com uma amiga, nesta manhã agradável. E então um estrondo, e um segundo depois você está atirado no chão, o sangue escorrendo de vários ferimentos, dores lancinantes pelo corpo. Você não acredita. Não, não pode ser verdade, isto é um pesadelo, eu ainda não acordei, estou sonhando, daqui a pouco despertarei e começarei uma viagem a Porto Alegre, e aí sim, tudo dará certo. Mas a realidade se impõe, brutal: você acabou de sofrer um acidente, e você sente o tênue sopro de sua vida vacilando, prestes a se extinguir.



Sou médico. Sofri um acidente, mas sou médico, continuo médico. Muitas vezes atendi pessoas em situação igual à que me encontro, aprendi algo com isso, aprendi a pensar sobre o trauma grave. É de minha lucidez médica que preciso agora, nesta desesperada tentativa de enfrentar o caos que, eu sei, precede o fim.

Não enxergo. Por alguma razão — trauma craniano, acho — perdi a visão. Mas ouço vozes. Confusas, alarmadas. Querem me levar. E eis o primeiro perigo: “levar” significa que me agarrarão

pelos braços e pelas pernas, me colocarão num carro e assim serei transportado. Mas sei que tenho fraturas e o alarma soa dentro de mim: não, eles não podem me levar, eles me colocarão em risco ainda maior. Com o que resta da minha autoridade médica, comando: não me mobilizem, deixem-me aqui, chamem uma ambulância.

Neste momento, a sorte decide a meu favor. Há um sargento da Brigada Militar no local e também, como me contaram depois, um auxiliar de enfermagem. E são eles que organizam minha remoção: pedem emprestado a um chofer de caminhão uma porta de madeira, do carregamento que ele leva, e é nesta maca — improvisada, mas segura — que sou transportado numa ambulância da Secretaria da Saúde — a mesma Secretaria para a qual trabalho.



E aqui estou eu, em outro cenário que não me é desconhecido: no Pronto Socorro muitas vezes fiz plantão, muitas vezes recebi pacientes que, como eu, chegavam com o rótulo temível: politraumatizado.

Sou colocado numa maca e rapidamente examinado. As suspeitas se confirmam: há várias fraturas, preciso ser radiografado, tomografado. E então começa a corrida da maca pelo corredor: é o teto que eu vejo, o teto passando rápido, e faces ansiosas, e luzes, e aparelhos.

Cada movimento desperta dores lancinantes. Há um só momento em que tenho descanso: quando me introduzem dentro do tomógrafo. Esta experiência, que em outros se acompanha de claustrofobia, me proporciona um bem-estar incrível: ali estou, imobilizado, sem dor, quieto, no escuro. Deixem-me aqui, é o que eu tenho vontade de pedir, mas sei que é impossível. Levam-me

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

